

# Opositores de ACM ocupam centro de Salvador

## COLUNA DO ESTADÃO

Ariosto Teixeira

### Economia sem apagão

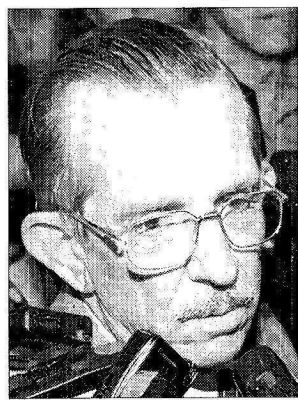
O governo trabalhava ontem com a hipótese concreta de racionalizar o consumo e economizar energia sem recorrer aos apagões nos centros urbanos. A probabilidade de adoção de um programa com esse perfil era, no início da noite, de praticamente 100%, segundo fontes oficiais.

**Sensor** – É possível, entretanto, que o plano a ser anunciado sexta-feira determine cortes de energia com sentido educativo. O objetivo é preparar o sistema elétrico para executar cortes e, especialmente, habilitar as empresas para que possam enfrentar eventuais situações de emergência.

A tendência é a adoção de um sistema de cotas de consumo para as empresas e as residências. A idéia é punir com corte de fornecimento quem ultrapassar a cota. A alternativa às cotas seria o apagão. O programa exigirá campanha publicitária e uma mobilização inédita da sociedade.

As decisões em perspectiva têm base técnica e política. Do ponto de vista técnico, considera-se possível um programa de redução do consumo em torno de 20% sem necessidade de

cortes rasos de energia e suas conseqüências negativas. Do ponto de vista político, o governo empenhará todos os recursos disponíveis para evitar o transtorno dos apagões. A questão será enfrentada como a mais séria ameaça à estabilidade do governo e ao seu desempenho eleitoral em 2002.



Euclides Scalco: sensibilidade política antiapagão

A prioridade política atribuída ao assunto pelo presidente Fernando Henrique é representada, no grupo de gestão da crise de energia, por dois atores: o presidente brasileiro da Itaipu Binacional, Euclides Scalco, e o ministro da Casa Civil, Pedro Parente.

Scalco é o homem do presidente nos debates. Ex-deputado e ex-líder do PSDB, ele foi coordenador político da campanha da reeleição de Fernando Henrique. Trata-se, por conseguinte, de um sensor político do presidente que conhece os dois lados, o técnico e o do funcionamento do sistema político e social do País.

Parente tem outra função. É o ator com trânsito interno no governo, apto a negociar novos investimentos para aumentar a oferta de energia com atores como o ministro da Fazenda, Pedro Malan. Haverá, nessa matéria, uma grande e difícil negociação interna no governo. Mas isso depois de anunciado o programa de racionamento.

\* \* \*

### Expansão silenciosa

Não se materializaram até agora os prognósticos de um desmonte do Banespa depois da privatização. O silêncio sindical sobre o assunto tem base no que efetivamente está acontecendo depois que o comprador Santander assumiu o banco. Ao contrário de demissões em massa, o que impera é o programa de demissões voluntárias, com adesões que surpreenderam os novos do-

nos. Além disso, no lugar do "enxugamento", a marca Banespa se prepara para uma fase de grande expansão, com a abertura de cerca de 400 novos postos e agências em São Paulo, Minas e Rio de Janeiro. Com suas agências no Sul e a participação nos mercados de Chile, Argentina e Uruguai, os espanhóis do Santander podem dizer que o PIB do Cone Sul está dominado.

\* \* \*

### Pendências do futuro

Além da crise de energia, um problema do presente, outra preocupação está clara nos debates do Fórum Nacional, que tem reunido no Rio ministros, empresários, investidores, pesquisadores e alguns poucos políticos: como serão tratados, e por que tipo de governo, os assuntos não-conclusos até 2002? O secretário de Política Econômica do Ministério da Fazenda, Edward Amadeo, cita a reforma tributária e a CPMF como alguns dos temas centrais do próximo governo, seja ele uma continuidade do atual ou radicalmente diferente.

### A agenda do sucessor

Autonomia do Banco Central, posição do Brasil na Alca e gastos sociais são outros temas que estarão na pauta mais imediata do sucessor do presidente Fernando Henrique Cardoso e definirão o cenário do País a partir de 2003. Uma constatação predominante entre empresários e investidores é a imprevisibilidade do futuro, diante de um quadro ainda muito indefinido sobre a sucessão presidencial, as alianças e os candidatos com reais chances de vitória. A dúvida vem acompanhada, naturalmente, de confessada inquietação.